

**Consumo e circulação dos sentidos nas práticas do descarte:
narrativas da obsolescência programada**

*Consumption and circulation of meanings in disposal practices:
narratives of planned obsolescence*

Manuela do Corral VIEIRA¹
Vitória Melo GALVÃO²

Resumo

O trabalho analisa a obsolescência programada a partir da circulação dos sentidos e da comunicação nas narrativas que envolvem o consumo e o descarte a partir das relações (i)materiais geradas entre sujeitos, objetos e seus impactos. Por meio do estudo de conceitos, contextos e significados, percebe-se que, mais do que repassar a responsabilidade das práticas de aquisição e descarte ao consumidor final, as relações no campo da comunicação e do consumo demandam condutas socioambientais amplas e comprometidas, sobretudo, das instituições e corporações detentoras das ações de maior impacto em seus sistemas produtivos.

Palavras-chave: Comunicação. Consumo. Obsolescência programada. Circulação dos sentidos.

Abstract

The work analyzes planned obsolescence based on the circulation of meanings and communication in narratives that involve consumption and disposal based on the (i)material relations generated between subjects, objects and their impacts. Through the study of concepts, contexts and meanings, more than passing on the responsibility for the practices of acquisition and disposal to the final consumer, relationships in the field of communication and consumption demand broad and committed socio-environmental behaviors, above all, of the institutions and corporations that hold the actions of greater impact on their production systems.

Keywords: Communication. Consumption. Planned obsolescence. Circulation of meanings.

¹ Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Consumo e Identidade – Consia (CNPq/UFPA). E-mail: mcorral@ufpa.br

² Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (FACOM/UFPA). Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação, Consumo e Identidade – Consia (CNPq/UFPA). Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPQ. E-mail: vitoriamelogalvao@gmail.com

Introdução

Vivemos em uma sociedade de consumo por vezes bem pouco satisfeita com seus bens e pertencente a um ciclo constante no qual produtos são descartados, quase de forma compulsória. Objetos como celulares, televisões, geladeiras, computadores, possuem um “prazo”, correspondente tanto ao seu não correto funcionamento, como também a uma versão mais moderna criada, assim como “necessidades” que prometem ser supridas com a nova tecnologia disponível. No estudo de Anderson Moebus Retondar (2008), denominado de “A (re)construção do indivíduo: a sociedade de consumo como ‘contexto social’ de produção de subjetividades” o autor elabora como a sociedade do consumo se caracteriza por uma “insaciabilidade”, na qual uma cadeia de ações gera necessidade que por fim caracteriza um ciclo no qual “o final do ato consumista é o próprio desejo de consumo” (RETONDAR, 2008, p.138).

O ato de consumir não transpassa apenas a relação de adquirir bens: o consumo se torna um mecanismo social. Segundo Everardo Rocha (1996) é o consumo quem dá ordem para a cultura, sendo esse capaz de expressar além do apenas consumir materiais, ou ideias. O objetivo deste trabalho, longe de buscar construir uma imagem totalmente condenatória acerca do consumo, é indagar e buscar compreender algumas das questões que fazem com que as narrativas em torno das práticas de consumo adquiram formas de ação compulsória e até coerciva, em compreensão de como o consumo, com foco naquele produzido no modo de produção capitalista, trilhou caminhos que hoje o envolvem em sérias questões ambientais e sociais.

Neste sentido, o consumo, conforme observado por Rocha (1996), destaca-se como um fenômeno correspondente à construção do próprio mundo cultural e imerso na sociedade como um atributo contemporâneo adquirido a partir das transformações históricas concedidas ao longo das revoluções industriais e sociais. A ideia do hiperconsumo (AMORIM *et al.*, 2018) aponta como as mercadorias passam a ter um nível de importância que impulsiona o sujeito a adquirir mais e em um ritmo de oferta que deve ser rápido e constante. Assim, se o período de um bem junto ao indivíduo é tão curto quanto a próxima moda ou o próximo lançamento da estação, os sujeitos poderiam estar mais focados nos significados e na mensagem transmitida ao ter o objeto do que com a própria matéria.

Neste estudo será trilhado o caminho metodológico de análise de conceitos comumente utilizados à questão ambiental, como a própria ideia sobre desenvolvimento e desenvolvimento sustentável, em situações contextuais, a exemplo do lixo eletrônico e têxtil. Com o viés da circulação dos sentidos e dos agenciamentos operados sobre/nos/dos objetos, também se analisa a questão da obsolescência programada no mercado e na comunicação a partir de dados de fontes primárias, secundárias e terciárias. Dessa forma, partimos do conceito de obsolescência programada, a partir da definição dos autores Antônio Carlos Efig e Leonardo Lindroth de Paiva (2016), que a classificam como “uma prática adotada pelos fornecedores no intuito de abreviar a vida útil dos produtos, em clara prática insustentável e que visa apenas a maximização do lucro, prejudicando-se o meio ambiente e a sociedade” (EFING; DE PAIVA, 2016, p. 118). Narrativas de comunicação e de consumo são então desenvolvidas para objetos que tanto os tornam desejáveis quanto, paradoxalmente, descartáveis, em uma ideia de renovação, recriação e que, o ato do “jogar fora” seria o de incorporar o próximo, o seguinte que a vida reserva, fazendo o anterior deixar de existir ou customizar os registros desse passado.

De acordo com Eliã Amorim et al (2018), “consumir sempre foi uma atividade do ser humano, que em sua evolução aprendeu a plantar, armazenar, trocar, consumir; no entanto, a modernidade caracteriza-se por um consumo desenfreado, enlouquecido pelo desejo e pelo prazer imediatos” (AMORIM et al., 2018, p.75). A cultura material, em busca de compreender a relação entre objetos e sujeitos, analisa como as pessoas estão ligadas aos objetos, pois o consumo não é dado apenas pelo ato material, mas também pelo imaterial e subjetivo. Consumir ou não enuncia algo e, conforme pontua Miller, aceitar a nossa própria materialidade é “fazer dos trechos algo comum, como uma parte necessária de nossa existência no mundo” (MILLER, 2013, p. 118).

Ao buscar analisar o consumo relacionado à obsolescência programada, não se está em busca de martirizar o ato de consumir. Distante disso, o intuito deste trabalho é buscar compreender como o consumo na sociedade contemporânea capitalista originou uma sociedade de hiperconsumo na qual a obsolescência programada protagoniza um grande e impactante papel. Entretanto, atrelada a esta questão, a cultura material e os rituais de consumo antagonizam a narrativa do descarte e trocas desenfreadas, exibindo como os objetos mesmo passando por uma tentativa de apagamento da sua importância persistem e mais ainda, os seus significados culturais permanecem em circulação, sejam eles transformados de sua função, à priori ou não.

O presente artigo é direcionado à uma análise do consumir como ação do social a todo instante realizada, porém a exacerbação disso, ou seja, o hiperconsumo se torna um dos centrais problemas em voga, principalmente ao pensar a partir das narrativas da própria sustentabilidade do planeta e suas demandas urgentes. Em análise ao conceito de desenvolvimento sustentável, proposto pelo Relatório de Brundtland³, temos que este se constitui em “satisfazer as necessidades da geração presente sem comprometer as necessidades das gerações futuras” (BORIN; PIMENTEL; AMÂNCIO, 2008, p. 289), portanto uma questão como a obsolescência programada, que impacta explicitamente estes três âmbitos, não pode deixar de ser associada à sustentabilidade. Entretanto, as ideias em torno do conceito de desenvolvimento sustentável podem ser questionadas, conforme será desenvolvido mais adiante. Por fim, compreender a obsolescência programada trata-se de uma questão principal para analisar os processos sustentáveis que visam equilibrar as vidas no planeta. Portanto, o que se pretende é traçar um panorama a partir do debate entre obsolescência programada, a circulação dos sentidos presente nas narrativas de comunicação e de consumo do sistema capitalista e a cultura material resistente e existente nas aquisições e descartes em sociedade.

Consumos, trocas e a questão do lixo

A troca, a substituição, e o descarte são artifícios utilizados para manter o consumo dentro da lógica da obsolescência programada. Substituir um objeto por outro “semelhante, mas melhor” consegue construir um cenário no qual o consumidor pode pensar que não está comprando muito, já que ele está substituindo, ficando com a mesma quantidade inicial, apenas com uma versão melhor e mais atualizada. Porém esse objeto anterior, cujo fim foi encurtado, não deixa de existir quando o consumidor decide que é hora de trocar. A questão é para onde tantas coisas substituídas e/ou descartadas vão parar. Segundo números da Global E-Waste Monitor 2020, 54 milhões de toneladas são geradas a partir do lixo eletrônico, classificando em média cada habitante do planeta como produtor de 7,3 kg desse lixo, ao que fazemos a ressalva que, assim como o descarte dos objetos guarda peculiaridades de acordo com os contextos, políticas públicas disponíveis

³ O Relatório de Brundtland surgiu em 1987, após a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, organizada em 1983 pela Organização das Nações Unidas (ONU) no intuito de debater, examinar e estabelecer metas possíveis sobre o meio ambiente, a partir dessa Comissão, o Relatório foi formulado dando um novo olhar às questões da sustentabilidade e o papel dos seres humanos nesse assunto.

e acessos de diversas ordens, o próprio poder de compra mostra-se desigual entre as sociedades ao considerarmos as disparidades sociais, políticas e econômicas.

Serge Latouche (2013), economista e filósofo francês, afirma que vivemos em um conjunto de crises, o que acaba por resultar também em uma crise civilizatória e que “já não se trata de uma crise econômica e financeira, mas é uma crise ecológica, social, cultural, ou seja, uma crise de civilização. Alguns falam de crise antropológica”⁴ (LATOUCHE, 2013). Compreender e contra-argumentar com o sistema de descarte e da obsolescência programada é se opor à lógica de funcionamento social do consumo, da produção e do descarte exacerbados. De certo, a obsolescência programada busca enviar os materiais pelo seu “desempenho”, o que pode passar despercebido em toda essa relação é a capacidade destas coisas em determinar o comportamento e até a identidade dos sujeitos, e de se transformarem também. Mesmo na ideia do fim da existência das coisas após o descarte, as coisas perduram na sociedade, adaptam-se ao meio e podem se tornar objeto de poder e hierarquia, após virarem lixo. A obsolescência programada costuma deixar rastros, uma vez que os objetos descartados continuam a existir, ainda que de outra forma e em outro formato. Esses objetos perduram e trazem consequências em cadeia.

A obsolescência programada está em diversos campos relacionados do consumo, com a proposta de criar o desejo no consumidor, juntamente com produtos que ficam “obsoletos” rapidamente, o setor dos eletrônicos e de moda, são uns dos principais setores que podemos observar esta prática. Consumir e não consumir constituem-se como questões não apenas e tão somente da esfera pessoal de decisão, mas abrangem questões coletivas, sociais, políticas, culturais e econômicas. Observando que calcular uma média estipulando o consumo de cada sujeito não demonstra de forma exata que todos os seres humanos consomem da mesma forma, um número tão expressivo, que tende ao aumento⁵, em um mundo no qual as pessoas não possuem a mesma possibilidade de acesso, é de se esperar que, em certos lugares, o consumo e descarte estão em um nível compulsório alto. De acordo com Carrascoza, “o que consumimos no dia a dia, e mesmo durante toda a

⁴ Esse trecho é parte da entrevista (2013) concedida por Serge Latouche ao site Rede Cristianas traduzida pelo Cepat (Centro de Promoção de Agentes de Transformação do Instituto Humanitas Unisinos), Serge Latouche (2013).

⁵ Estimativas calculam que até o ano de 2030, o lixo eletrônico deve corresponder a 74,4 milhões de toneladas. Fonte: <https://news.un.org/pt/story/2020/07/1719142>. Acesso em: 25 de out. de 2021.

nossa existência, como uma trama discursiva, enuncia e anuncia quem fomos, somos e seremos”. (2020, p.114)

As questões socioeconômicas e identitárias são fatores construtores da estrutura social de uma comunidade, o consumo deve ser encarado como uma característica social, já o consumo exacerbado é resultado das revoluções consumistas (AMORIM *et al.*, 2018, p. 75). Ao se explorar um tema como a obsolescência programada, que está atrelada ao poder de compra e a forma como o mercado e os sujeitos afetam o mundo, estes fatores criam nichos que devem ser observados de forma cautelosa, estas transversalidades não são, porém, um ponto aprofundado neste trabalho, pois estas análises necessitam de uma submersão muito mais aprofundada em relação às análises deste artigo. Como já afirmado anteriormente, a obsolescência programada, em seu ciclo de descarte e troca constante, produz “lixões” em países pobres, do ponto de vista econômico, a exemplo de Gana que hoje sofre sendo um lixão de roupas⁶.

Em outro exemplo sobre a questão do consumo e do descarte, o lixo eletrônico cresceu, nos últimos três anos, 5 vezes mais rapidamente do que a população mundial e 13% mais rapidamente que o Produto Interno Bruto de todos os países⁷. A produção e descarte destes objetos demonstram um descontrole e números capazes até de questionar se existem meios de reverter a situação. E os eletrônicos não são os únicos personagens na cadeia produtiva da obsolescência programada, porém acreditou-se ser válida a ressalva nesse tópico em razão dos números alarmantes produzidos por esse setor e os conseguintes impactos, de acordo com a reportagem no *site* da ONU sobre o relatório da Global E-Waste Monitor 2020.

A indústria da moda é um dos setores de impacto no mercado e no meio ambiente: por ano, é estimado que, somente no Brasil, essa indústria gere 70 mil toneladas de lixo têxtil, de acordo com a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit)⁸. É esperado ainda que, em 2050, 25% de todo o gás carbônico despejado na

⁶ De acordo com matéria da BBC News, o país de Gana recebe semanalmente 15 milhões de toneladas de roupas usadas do setor *fast fashion*, as roupas de má qualidade muitas vezes não são utilizadas nem pelos vendedores do país em razão da péssima qualidade e são descartadas em aterros cada vez mais lotados que hoje já é um problema ambiental para o país. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/media-58911546>

⁷ Ver mais em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/07/05/montanha-de-lixo-eletronico-nao-para-de-crescer-no-mundo.ghtml>

⁸ Ver mais em: <https://www.mafiadomergulho.com.br/o-lixo-textil-e-seus-impactos-no-meio-ambiente/>

atmosfera será consequência dessa indústria. O impacto disso afeta a atmosfera e consequentemente os oceanos, uma vez que o excesso de CO₂ é absorvido pela água provocando acidificação deles, comprometendo a vida marinha e as geleiras⁹, além da intensa utilização de agrotóxicos para a produção desses tecidos que impacta todo o ecossistema¹⁰.

Os exemplos citados acima são resultado de transições ocorridas dentro do mundo do consumo que, descritas e estudadas por Gilles Lipovestky, e analisadas por Eliã Amorim et al. (2018), apontam que a fase que hoje vivemos, iniciada em 1970, é a consagração concomitante do individualismo e do consumo de massa, resultando no hiperconsumo e na valorização experiencial da compra, nesse sentido

o hiperconsumo, por um lado, atende necessidades e garante conforto, diversão, experiência e prazer; mas, por outro, pode sinalizar desconforto psíquico, insatisfação e frustração, uma vez que a efemeridade e o descarte precoce das mercadorias criam uma falsa ideia de satisfação/felicidade (AMORIM *et al.*, 2018, p. 74).

Ao mesmo tempo em que a constante troca e produção de novos produtos ocorre, os significados culturais dos objetos ainda persistem. Sejam roupas, aparelhos eletroeletrônicos, ou quaisquer outros, os objetos persistem no dia a dia, novas qualidades e funções estão sempre sendo atribuídas a eles no intuito de os tornar indispensáveis para a vida “plena” do cidadão contemporâneo. Perez (2020) afirma que estar consumindo é o que faz sentido para a sociedade e não propriamente ter “o” objeto, ou seja, estar sempre adquirindo as imaterialidades dos objetos de desejo se torna o mais importante, desta forma, o que se percebe é que a sociedade não é tão materialista como se pensa, “o consumo de bens nunca se basta” (2020).

Nesse sentido “o objeto material ou o serviço posto à venda vai muito além de suas qualidades físicas e propriedades intrínsecas, recoberto de promessas adicionais e de mundos imaginários que parecem possíveis; nada aplaca nosso desejo até porque, em última instância “não há satisfação do desejo” (PEREZ, 2020, p.109). A obsolescência

⁹ Os impactos da indústria têxtil são de extrema preocupação e afeta a vida de todos os seres vivos. Ver mais em: <https://www.mafiadomergulho.com.br/o-lixo-textil-e-seus-impactos-no-meio-ambiente/>. Acesso em: 26 de out. de 2021.

¹⁰ A Revista Marie Claire produziu uma reportagem em seu *site* com diversas informações sobre a produção dos materiais da indústria têxtil e sugestões de como mudar um cenário alarmante de descarte e larga escala de uso de agrotóxicos. Ver mais em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Um-So-Planeta/noticia/2021/02/moda-sustentabilidade-lixo-estudo-fios-da-moda.html>

programada é justamente uma das ferramentas utilizadas na constante produção de novos objetos e no incremento e incentivo e ao descarte por “algo melhor”, esse descarte, entretanto, não deixa de fazer parte de uma forma de ritual de consumo (MCCRAKEN, 2007), pois é de acordo com o valor simbólico dos objetos em constante transição que estas ações ocorrem.

Circulação e transformação de sentidos dos (i)materiais

Everardo Rocha (2005) salienta que “coisas como moda, objetos, produtos, serviços, *design*, marcas, grifes, shoppings, televisão, publicidade, comunicação de massa são traços indelévels no espírito do tempo, e cada um à sua maneira dá ampla visibilidade ao consumo na nossa vida social cotidiana” (ROCHA, 2005, p. 135). A observação em muito se relaciona com a obsolescência programada no sentido em que esta atua ativamente nos campos do consumo exemplificados por Rocha. Assim, sendo as práticas de consumo parte do mundo culturalmente constituído¹¹ e estruturado a partir dos significados construídos pelas trocas materiais e simbólicas, a obsolescência programada, na possibilidade de agir como um “escoador” de significados, constrói teia de simbolismos, ainda que estas subjetivações instaladas nos objetos pressuponham uma rápida substituição e esvaimento dos significados.

Sendo a comunicação um dos pilares da estrutura de mercado, ela é construtora dos sentidos presentes dentro do ciclo mercadológico. A comunicação é assim campo mediador de relações sociais diversas e um dos pilares centrais para a movimentação e reposicionamento dos sentidos e dos objetos e os bens de consumo estão para além apenas do material, por isso narrativas construídas em volta do consumo tornam-se, em alguns casos, até mais relevante que o próprio objeto. Segundo Rafael Grohmann (2020), a comunicação age “epistemologicamente como um lugar de articulação e encontro de saberes, sendo a partir dessa multiplicidade que se olha a circulação” (GROHMANN, 2020, p. 2). As articulações produzidas, a fim de propalar modos de consumir, são realizadas por intermédio da comunicação, ao que se ressalta que esse intercâmbio de

¹¹ O mundo culturalmente constituído a partir de McCracken é “o mundo da experiência rotineira, que o mundo dos fenômenos se apresenta, aos sentidos individuais, plenamente formado e constituído pelas crenças e premissas de sua cultura.do mundo da experiência rotineira” (MCCRAKEN, 2007, p. 101).

sentidos não necessariamente ocorre apenas entre seres humanos, podendo a troca acontecer a partir do sujeito com os objetos.

O câmbio das subjetividades analisado por Grohmann é também um dos pilares centrais para a análise da obsolescência programada a partir de uma visão da cultura material. Os ditos e os não ditos modeladores da imagem construída dentro do mercado vem modificando a sociedade em um ritmo acelerado. O aparente leque de variedades existente no mercado pode criar a falsa sensação de que está no sujeito o total poder de escolha, ao refletir sobre a tarefa de quem os sujeitos devem ser no mundo moderno, Daniel Miller (2013) aponta para uma sociedade contraditória ao ponderar sobre “liberdades que criam ansiedades, empoderamento que parece opressivo, individualismo que leva à conformidade” (2013, p. 60).

Descartar objetos em uma lixeira, não os fazem desaparecer, como já acentuado neste trabalho. Contrário a isso, os objetos continuam a existir, sejam em sua forma original ou fragmentada, o que afeta toda uma comunidade de seres, não só os humanos, os autores Fernanda Martineli *et al.* (2013), analisam a “pós-vida social” das coisas com enfoque no lixo e os contornos dentro da cultura material que os objetos passam a ter ao serem descartados, tendo implicações diretas relacionadas à classe, gênero, religião e origem regional. Este “abandono” e consequente fragmentação dos objetos classificado como “óbvio”, para os autores está longe de ser realmente o fim dos materiais, uma vez que estes “pedaços” percorrerão caminhos que poderão, em maior ou menor grau, impactar, de maneira diferenciada, a vida de diversos sujeitos, direta ou indiretamente, e a relação com o ambiente. Ainda, os autores Eneus Trindade e Clotilde Perez (2014), ao analisarem os rituais de consumo, buscam contemplar os vínculos construídos entre as marcas e consumidores. De acordo com os referidos autores, os rituais, ao que se incluem os do descarte, variam de acordo com suas finalidades sociais, gradientes simbólicos e segundo o seu contexto (TRINDADE; PEREZ, 2014, p. 164), desta maneira é possível observar uma hierarquia até mesmo nesta “lógica” de coisas sendo mais descartáveis que outras.

As autoras Rosângela Rodrigues e Sonia Mansano (2013) construíram um estudo analisando se os verbos “consumir” e “descartar” são verbos perigosos. Em si, as palavras de ação não são agentes que provocam tribulação na sociedade, porém, notou-se a partir de um panorama histórico realizado pelas pesquisadoras, que os atos que estas duas palavras provocam estão causando efeitos nocivos nas práticas de consumo da sociedade.

Rodrigues e Mansano argumentam que o descarte finda por ser indispensável, tendo em vista o volume de consumo contemporâneo, “contudo, descartar denota um aspecto perigoso, quando revela o desperdício de bens, de materiais, de recursos e, também, a contaminação dos espaços coletivos pelo lixo descartado” (RODRIGUES; MANSANO, 2013, p. 23). Nesse sentido as autoras apontam a responsabilidade para os governos e as corporações, já que estes possuem um real poder de transformação social, entretanto o observado é o descaso com as questões do lixo e as suas consequências para as vidas do planeta.

Algumas das práticas ditas ecológicas e sustentáveis existentes também guardam pontos de questionamento, como a questão da reciclagem que, mesmo na possibilidade de se reutilizar “pedaços”, ao fim e ao cabo, funciona na orientação de se produzir novos produtos a serem consumidos. Atrelado a isso, deseja-se ressaltar um questionamento acerca do termo “desenvolvimento sustentável”: partindo do princípio que o desenvolver dentro da lógica de produção capitalista está intimamente ligado à questão da exploração de recursos naturais e da própria mão de obra. Assim, associar a sustentabilidade ao termo desenvolvimento pode ser uma prática questionável e de, inclusive, reforço às ideias que se pretende distanciar, tendo em vista que a busca pela preservação, manutenção e reconstrução ambiental não são, necessariamente, prioridades quando a pauta é desenvolver.

Em suma, os discursos e as práticas difundidas envolvem diversas complexidades do processo produtivo de um consumo insaciável e que se desdobra em universos simbólicos de ação e pensar, em uma sustentabilidade, classificada por Martineli et al como “valor simbólico no universo do consumo do que como processo produtivo” (2013, p. 41). A obsolescência é ativada pelo consumo na sociedade capitalista de hoje, mas não é exclusiva a ela. Em continuidade às análises sobre as práticas de sustentabilidade, Ailton Krenak (2020, p. 103) defende que esta é uma ideia que resulta mais de uma vaidade pessoal do que em ações capazes de agir na transformação da realidade, isso porque para o autor, o discurso é um ato egoísta e “uma mentira bem embalada” (KRENAK, 2020, p. 105) como mais uma ferramenta do mercado em vender uma solução ao passo que é ele o principal causador do problema.

Destacamos a questão das práticas de consumo, de troca e de descarte enquanto manifestações e desdobramentos do social e da necessidade de olhar para elas como narrativas do social e das implicações ambientais que trazem entre os materiais que

perduram. De acordo com Miller, as pessoas são construídas pelo seu mundo material de forma que, o cerne da questão não está tão somente em consumir e sim na maneira que esse consumo é realizado: a partir de quais incitações e no que ele pode resultar durante seu processo de existência e os limites existentes dentro desta relação sujeitos-objetos-mundo com o consumo.

A relação entre os sujeitos e os objetos do ponto de vista da cultura material resulta em “um processo de objetificação em que um constrói o outro” (MILLER, 2013, p. 161). Assim como os indivíduos são capazes de transformar os objetos, estes, tem a possibilidade de realizar o mesmo com as pessoas, em práticas de objetificações e agenciamentos em que as escolhas, a partir do comprar ou do descartar, modificam as materialidades e o ambiente no qual vivemos querendo os sujeitos (e os objetos) ou não. É neste cenário que a obsolescência programada surge como “agente do caos” dessas relações entre o eu e o mundo material que tenta preencher e esvaziar o sentido das coisas. Para Rafael Grohmann, entretanto, existe um limite:

Nada (nem ninguém) circula indefinidamente, pois há materialidades, limites e contradições na vida social e comunicativa. Os próprios meios e suas infraestruturas possibilitam determinadas maneiras de circulação em detrimento de outras e podem sugerir – eles mesmos – formas de circular a comunicação (GROHMANN, 2020, p. 3)

No contexto da obsolescência programada, a questão simbólica dos objetos, o que estes objetos enunciam sobre ou não acerca dos sujeitos é um dos principais fatores que construíram esse ciclo do descarte compulsório engendrado pelo mercado. A cultura material presente nas práticas de consumo, de troca e de descarte exibem ainda o silêncio “gritante” dos objetos ao demonstrarem como a vida dos materiais persiste, quer os sujeitos desejem ou não. Significados são então construídos e trilham caminhos em histórias outras, uma vez que estes objetos, parte do tempo, existem não pelo meio da consciência dos indivíduos, e sim pelo ser, “ser”.

Considerações finais

Ao iniciar este trabalho o intuito era focar em compreender algumas relações do mercado e as práticas de obsolescência programada, entretanto, durante o desenvolvimento da pesquisa, pôde-se perceber que as implicações dessa obsolescência estão muito além da superfície que se imaginava ser o constante e

compulsório/obrigatório descarte material. Buscou-se então observar as questões simbólicas envolvidas, principalmente voltadas à vida “pós-social” das coisas e a troca silenciosa, assimilada ao descarte em prol do constante consumo. Percebeu-se a capacidade de transformação dos objetos, que, a despeito de suas substituições, perduram e podem tomar caminhos e até mesmo outros formatos, impactando em vidas diferentes, em contextos adversos e diversos. Não deixando de ressaltar que este próprio movimento consta como um ritual carente de análises e ponderações.

O problema da obsolescência programada, uma aparente característica vinda das mutações sofridas pelo consumo na sociedade moderna e cada vez mais presente na contemporaneidade, porém, não será resolvido apenas com críticas ao sistema mercadológico e constatação da continuação da existência e capacidade mutação dos objetos. Faz-se urgente compreender as implicações da obsolescência na vida do planeta como um todo, e não só no sentido do “esvaziamento” do significado dos objetos. O consumo e as práticas de troca e de descarte envolvem diversas vidas, por isso questiona-se qual vida será possível se orientações não forem ampliadas na compreensão do esgotamento dos recursos naturais e da própria cadeia produtiva que se mostra, a cada dia, mais danosa e insustentável ao ambiente e ao humano presente neste.

Referências

AMORIM, Eliã Siméia Martins dos Santos et al. O princípio do prazer: o hiperconsumo como escape em tempos de modernidade líquida. *Revista Signos do consumo*, São Paulo v. 10, n. 2, p. 70-78, jul-dez, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/signosdoconsumo/article/view/144828>>. Acesso em: 15 de out. 2021.

BORIN, Priscila De Oliveira Claro.; PIMENTEL, Danny Claro; AMÂNCIO, Robson. Entendendo o conceito de sustentabilidade nas organizações. *Revista de Administração - RAUSP*, São Paulo v. 43, n. 4, p.289- 300, out-dez, 2008. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=223417504001>>. Acesso em: 23 de out. 2021.

CARRASCOZA, João Anzanello. O Consumo e o não consumo: flashes de uma discussão. *Revista Signos do Consumo*. São Paulo, v. 12, n. 2, p.106-114, jul-dez, 2020. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/signosdoconsumo/article/view/170751/167422>>. Acesso em: 16 de out. 2021.

EFING, Antônio Carlos; DE PAIVA, Leonardo Lindroth. **Consumo e obsolescência programada: sustentabilidade e responsabilidade do fornecedor. Revista de direito, globalização e responsabilidade nas relações de consumo**, Florianópolis, v. 2, n. 2,

p.117-135, jul-dez, 2016. Disponível em: <<https://www.indexlaw.org/index.php/revistadgrc/article/view/1356>>. Acesso em: 13 de nov. 2021.

GROHMANN, Rafael. O que é circulação na comunicação? Dimensões epistemológicas. Revista **FAMECOS**, Porto Alegre, v. 7, p1-13, jan-dez, 2020. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/download/35881/26276>>. Acesso em: 21 de out. 2021.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LATOUCHE, Serge. **Serge Latouche, o precursor da teoria do decrescimento, defende uma sociedade que produza menos e consuma menos** [Entrevista concedida a] Rede Cristianas. Instituto Humanista Unisinos, 2013. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/523299-serge-latouche-o-precursor-da-teoria-do-decrescimento-defende-uma-sociedade-que-produza-menos-e-consuma-menos>>. Acesso em: 18 de out. de 2021.

MARTINELLI, Fernanda *et al.* O lixo e a cidade: cultura material e mediações sociais entre centro e periferia na capital federal. Revista **Esferas**. Ano 2, no 3, jul-dez, 2013. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4829>. Acesso em: 19 de dez. de 2023.

MCCRACKEN, Grant. Cultura e Consumo: **Uma explicação teórica da estrutura e do movimento do significado cultural de bens de consumo**. *Rae Clássicos*, v. 47 n. 1, p.99-115, jan-mar, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rae/a/v4jhqtDxxrkmsrSkmKyjM8p/?lang=pt>>. Acesso em: 13 de out. 2021.

MILLER, Daniel. Teoria das Coisas. In: **Trecos, Troços e Coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

PEREZ, Clotilde. **Há limites para o Consumo?** Barueri, SP: Estação das letras e Cores, 2020.

RETONDAR, Anderson Moebus. **A (re)construção do indivíduo**: a sociedade de consumo como “contexto social” de produção de subjetividades. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 23, n. 1, p.137-160, jan-abr, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/nvqttKf4ZsZ5zy6ss9V8C7r/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 23 de out. 2021.

ROCHA, Everardo. Culpa e prazer: imagens do consumo na cultura de massa. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v. 2 n. 3 p.123-138, mar, 2005. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/29/29>>. Acesso em: 09 de out. 2021.

ROCHA, Everardo. **Totemismo e mercado**: notas para uma antropologia do consumo. Logos: Comunicação e Universidade, Rio de Janeiro, v.3, n.2, 1996. Disponível em:

<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/13387>>. Acesso em: 12 de out. 2021.

RODRIGUES, Rosângela Rocio Jarros; MANSANO, Sonia Regina Vargas. **Consumir e descartar:** verbos perigosos? In: Consumos e Modos de Vida. Londrina: Syntagma Editores, 2013.

TRINDADE, Eneus; PEREZ, Clotilde. Os rituais de consumo como dispositivos midiáticos para a construção de vínculos entre marcas e consumidores. Revista **ALCEU** - v. 15 - n.29 - p. 157 a 171, jul-dez, 2014. Disponível em: < <http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/artigo%2010%20alceu%2029%20-%20pp%20157-171.pdf> >. Acesso em: 10 de jul. de 2022.

ONU NEWS. **China e Estados Unidos lideram lista de países que mais geram lixo eletrônico.** 2020. Clima e Meio ambiente. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2020/07/1719142>>. Acesso em: 19 de out. 2021.